

Secretário denuncia pressões de empresas de vigilância

Alessandra Flach

Depois do fracasso da audiência pública que ouviu o promotor de Justiça da Saúde Jairo Bisol na Câmara Legislativa, deputados distritais conseguiram ontem arrancar informações sobre o suposto complô de empresas terceirizadas e parlamentares para derrubar o secretário de Saúde, José Geraldo Maciel. Em audiência da Comissão de Direitos Humanos o próprio Maciel confirmou as pressões e citou os nomes de três empresas de vigilância que possuem contratos com o órgão – com indícios de superfaturamento de até 30% nos serviços. O secretário não revelou os nomes dos deputados supostamente interessados em sua saída da pasta – três distritais e um federal, segundo Bisol – mas confirmou pressões internas e externas para isso.

– Identifiquei os problemas nos contratos muito tempo atrás. Desde 2005 estou fazendo investigações e pedi a uma comissão

para avaliar os preços, quando descobrimos distorções de até 30% a mais que o preço de mercado dos serviços – revelou Maciel, que teria chamado as empresas para renegociar e ouvido um sonoro *não*. – Como elas não quiseram renegociar, aproveitei que os contratos estão vencendo, mandei rever os valores, realizar cortes e fiz um projeto básico pedindo novas licitações.

Questionado sobre as empresas, Maciel listou os três grupos de vigilância que possuem contratos com a secretaria atualmente: Brasília, Confederal e Ipanema. Os contratos representam R\$ 5 milhões de gastos, mas Maciel deixou claro que nenhuma delas tem como sócios deputados distritais. A Confederal Vigilância de Valores, no entanto, é do deputado federal Eunício de Oliveira.

No setor de alimentação, o problema estaria nos gastos excessivos. Segundo Maciel, servidores e acompanhantes também fazem uso da alimentação, sem

ter direito a ela. No caso dos servidores, a situação é mais complicada porque significaria benefício duplo.

– O erro está na quantidade de pessoas que comem sem ter esse direito. Os servidores recebem tíquete alimentação e não deveriam estar fazendo uso da alimentação para pacientes – apontou.

A única empresa que presta serviços ao setor na área de alimentação é a Sanoli Indústria e Comércio de Alimentação Ltda, cujo dono, José Sanchez Aguyao, é pai de Rodrigo de Moraes Sanches, marido de Liliane Roriz, filha do ex-governador Joaquim Roriz. Questionado sobre as empresas de limpeza e conservação – cujo principal contrato, de R\$ 23 milhões, é com a Dinâmica, da secretaria de Trabalho, Eliana Pedrosa – foi taxativo.

– Não identificamos até este momento nada pertinente à conservação – disse.

A respeito da denúncia de Bisol de que parlamentares esta-

riam pressionando para que o secretário fosse derrubado, Maciel deixou claro que existem *forças ocultas* tentando tirá-lo do posto, mas não revelou nomes.

– Eu tenho, sim, os nomes, mas em respeito à minha história, vou retê-los comigo – afirmou. – E mais, digo que é legítimo parlamentares reivindicarem cargos, mas essa é uma das formas de pressão, que existem seguramente.

O secretário revelou, ainda, que além das pressões por cargos, existe a possibilidade de boicotes internos contra ele.

– É muito difícil revelar se é A, B ou C, pois essas coisas acontecem com a chamada *mão invisível*, mas internamente, já poderíamos ter completado a aquisição de medicamentos para toda a rede. Há uma certa morosidade nesse encaminhamento. Isso é um boicote, não? – questionou o secretário, que citou o caso de um equipamento quebrado que, ao ser aberto, tinha uma faca dentro.

Na ponta da língua

A conversa do secretário José Geraldo Maciel com os deputados distritais teve momentos polêmicos, mas nada próximo da troca de acusações entre o promotor Jairo Bisol e o distrital Dr. Charles (PTB), na segunda-feira. Bem preparado, o dirigente da pasta da Saúde foi o primeiro representante da equipe de governo que conseguiu dar respostas concretas aos questionamentos. Maciel admitiu a necessidade de melhorias no setor e disse estar preparado para enfrentar as pressões contra seu nome. A troca de farpas entre distritais e secretários rendeu momentos tensos.

■ Maciel X Dr. Charles

– Já foi gente na minha ante-sala dizer que assumiria a secretaria no meu lugar antes do que eu imaginava, pois bem, estamos esperando – disse Maciel, ao que se seguiram comentários do público citando nomes de distritais. – E eu quero informar que não foi o deputado Dr. Charles (PTB). – Até porque essa não é minha intenção – rebateu Dr Charles. – No momento, não é deputado? – encerrou Maciel.

■ Maciel X Dr. Charles II

– Quando o acelerador linear quebrou, em 2003, o Instituto Nacional do Câncer (Inca) ofereceu um novo para o Hospital Regional de Taguatinga, Dr. Charles, e a rede pública abriu mão dele e disse para enviar ao HUB. Agora ele está empacotado lá e o nosso quebrado – criticou Maciel. – O que aconteceu com o acelerador? – questionou Dr. Charles. – Aconteceu que ninguém gritou “deixe esse equipamento aqui em Taguatinga”, porque era para lá que ele ia e deveriam ter gritado muito – respondeu o secretário.

■ Reguffe X Maciel

– Tive informações de que faltam mais de 40 tipos de remédios no HRT – afirmou José Antônio Reguffe (PDT). – O funcionário que te informou isso, infelizmente, havia perdido um cargo de diretor duas semanas antes e se o senhor tivesse falado conosco saberia disso – disse Maciel.